

# Espanhol e português brasileiro estudos comparados

Adrián Pablo Fanjul e Neide Maia González

[ORGANIZAÇÃO]

**EDITOR:**

Marcos Marcionilo

**CONSELHO EDITORIAL:**

Ana Stahl Zilles [Unisinos]  
Angela Paiva Dionisio [UFPE]  
Carlos Alberto Faraco [UFPR]  
Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]  
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]  
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]  
Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]  
Marcos Bagno [UnB]  
Maria Marta Pereira Scherre [UFES]  
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]  
Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]  
Roxane Rojo [UNICAMP]  
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]  
Sírio Possenti [UNICAMP]  
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

  
parábola

# Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais

Adrián Pablo Fanjul

O primeiro capítulo deste livro não podia tratar de outro tópico que não os pronomes pessoais. O tema que aqui nos ocupa não foi mais um capítulo da reflexão comparativa entre nossas línguas, mas sim um marco na própria configuração das problemáticas dessa reflexão.

Desenvolveremos uma explicação sobre os aspectos mais gerais de comparação entre o português brasileiro e o espanhol (doravante PB e E) quanto à ocorrência de pronomes pessoais sujeito e complementos. Não se trata de um estudo acabado do tema, que levaria muito mais do que um capítulo, mas de uma aproximação descritiva ao que consideramos o primeiro e fundamental tópico do funcionamento linguístico que qualquer estudante universitário ou docente que trabalhe com o E no Brasil deve conhecer e considerar.

## 1. PERCEBER ASSIMETRIAS

Começemos observando este fragmento do romance de Clarice Lispector *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*

(Lispector, 1980: 151) e de sua tradução para o E por Cristina Sáenz de Tejada e Juan García Gayo (Lispector, 1989: 123):

Dois dias depois Ulisses telefonou e dessa vez ele parecia exigir a presença dela, como se não suportasse mais a espera.

Ela foi. Enquanto se aproximava de Ulisses, que estava no terraço do bar bebendo, ele a olhou e de tanta surpresa decepcionante nem sequer se levantou:

— Mas você cortou os cabelos! Você devia ter me perguntado antes!

— Eu não tinha planejado cortar, resolvi na hora.

Ela sabia como ele se sentia porque ela tivera uma angustiada sensação de perda à medida que os cabelos eram cortados e as mechas mortas caíam no chão.

*Dos días después Ulises llamó por teléfono y esa vez parecía exigir la presencia de ella, como si no soportara más la espera.*

*Ella fue. Mientras se acercaba a Ulises, que estaba en la terraza del bar bebendo, él la miró y a causa de la sorpresa decepcionante no se levantó siquiera:*

*— ¡Pero te has cortado el pelo! ¡Debiste preguntarme antes!*

*— No había pensado cortármelo, lo decidí en el momento.*

*Sabía cómo se sentía él porque ella había tenido una angustiada sensación de pérdida a medida que le cortaban el pelo y los mechones muertos caían en el suelo.*

A leitura dos dois trechos permite uma boa aproximação da problemática que queremos expor, já que condensa vários fenômenos relacionados entre si. Com o propósito de realizar uma exposição ordenada, começaremos delimitando, neste ponto, apenas dois deles, deixando os outros para itens posteriores do capítulo.

Focalizando primeiro os pronomes pessoais sujeito que aparecem no fragmento (*eu, você, ele, ela*), vemos que seu número é, à primeira vista, bem maior do que registra a versão em E para os equivalentes considerados pelos tradutores (*yo, tú, él, ella*). Os de 1ª e 2ª pessoa, no caso, não aparecem, e os de 3ª só aparecem em algumas ocasiões que, como veremos

no ponto seguinte, não são arbitrárias. Já nas primeiras linhas uma contraposição se mostra instigante:

(1) Ulisses telefonou e desta vez ele parecia...

*Ulises llamó por telefono y esta vez Ø parecía...*

Com “Ø” marcamos a ausência do pronome. Em português, o leitor não duvida de que é o próprio Ulisses que “parecia exigir” que ela estivesse por perto. Em E, é a ausência do pronome que garante o mesmo efeito, isto é, a construção da mesma referência. Sua presença, pelo contrário, quebraria essa certeza e introduziria, por motivos que exporemos em 2, a possibilidade de um terceiro envolvido na trama.

E, ao mesmo tempo que observamos essa desproporção quanto à ocorrência de pronomes sujeito, algo análogo, mas inverso, acontece com os pronomes complementos. Vejamos a resposta que Ulisses recebe quando reclama do fato de sua parceira não tê-lo consultado antes de cortar o cabelo:

— Eu não tinha planejado cortar, resolvi na hora.

*— No había pensado cortármelo, lo decidí en el momento.*

As duas formas *lo* que grifamos na versão para o E retomam, na função de objeto direto (OD), unidades anteriores: a primeira, *el pelo*, na fala prévia de Ulisses, e a segunda, o fato de cortar o cabelo, que acaba de ser mencionado pela protagonista (*lo decidí = decidí cortármelo*). Nenhuma das duas é retomada com pronome no original em português, situação que poderíamos representar desta maneira:

(2) Eu não tinha planejado cortar Ø, resolvi Ø na hora.

Em ambos os espaços, o que tentamos representar com “Ø” é o fenômeno que estudos sobre o PB denominam “OD vazio” (Castilho, 1992: 258) ou “objeto nulo” (Ribeiro, 1998: 109). Da mesma maneira que em (1) observávamos que qualquer falante de E pode “preencher” o vazio com a informação de que é Ulisses quem “parecia”, em (2), qualquer falante de

PB consegue recuperar que aquilo que a protagonista “não tinha planejado cortar” era seu cabelo, e que o que resolveu “na hora” foi precisamente cortá-lo. Como observa Castilho no texto que acabamos de referir, “é claro que tais ODs podem ser recuperados, seja na oração, seja no discurso” (p. 258).

Mas no E, essa possibilidade de recuperar o OD sem pronome é, como veremos em 3, bastante limitada. Observemos o caso hipotético de que na tradução tivessem sido reproduzidos os ODs vazios do original<sup>1</sup>:

(2') *No había pensado cortar Ø, decidí Ø en el momento.*

A interpretação ficaria seriamente comprometida. Mesmo havendo menção ao cabelo na fala anterior de Ulisses, isso produziria uma desorientação em um interlocutor hispanoparlante não acostumado com o português. A interpretação da ação referida poderia demorar, ou ainda a frase com “cortar” receber leituras diferentes, possibilitadas pela situação narrada e que não requerem objeto para o verbo (*no había pensado cortar* = não tinha pensado em terminar nosso relacionamento). E ainda no caso em que o contexto, a sagacidade ou o desejo de comunicação do hispanoparlante propiciassem a identificação dos objetos, o enunciado produziria uma percepção de incompletude.

Os segmentos que estamos analisando na tradução de Lispector exemplificam uma diferença básica entre o funcionamento do E e do PB, diferença que neste livro consideramos central para o estudo contrastivo de ambas as línguas, e que González, em um artigo posterior a sua tese, explicará nestes termos (1998: 247):

*Cada una de ellas presenta una distinta asimetría, en lo que se refiere al empleo de formas pronominales plenas o nulas para la expresión del sujeto y de los complementos del verbo, aunque estas distintas asimetrías se extienden a otras categorías funcionales que sin embargo no es posible contemplar aquí.*

<sup>1</sup> Para preservar aqui a clareza expositiva, faremos referência só depois, em 4, à estrutura com dativo que aparece, nesse diálogo, na versão em espanhol (*cortarse el pelo*), e que também é de interesse para este capítulo.

*De forma sintética, se puede decir, siempre a partir de los varios estudios consultados, que mientras el PB es una lengua de sujeto pronominal predominantemente pleno y que privilegia las categorías vacías o las formas tónicas para la expresión de los complementos, el E es claramente una lengua de sujetos pronominales predominantemente nulos y de complementos clíticos abundantes, a veces duplicando (o quizás duplicados por) una forma tónica.*

Partindo dessa proposta de “assimetrias”, tentaremos mostrar, em 2, a seguir, que enquanto no E o pronome sujeito mostra um valor contrastivo, no PB ele pode ocorrer sem que exista contraste nem ênfase. No ponto 3, observaremos o outro lado das assimetrias: aquele relacionado aos pronomes objeto direto e indireto. E em 4 nos referiremos a outras construções com pronomes átonos em ambas as línguas e encerraremos o capítulo explicando brevemente, no ponto 5, como as inversas assimetrias aqui descritas abrem um caminho de observação comparativa que será continuado nos outros capítulos deste livro.

## 2. OS PRONOMES SUJEITO

Um enunciado extraído da propaganda de uma empresa de telefonia digital propicia um contraste análogo ao já mostrado no caso (1):

(3) Basta você querer encontrar seus funcionários, que eles aparecem no mesmo instante.

É claro que “eles” retoma “seus funcionários”, em uma relação semântica que aqui denominaremos “correferência”, porque ambos os itens se referem à mesma entidade do mundo construído na enunciação<sup>2</sup>. Em

<sup>2</sup> O conceito de “correferência”, que aqui consideramos basicamente com o valor que lhe dão M. Halliday e R. Hassan (1989), tem sido objeto, dentro do funcionalismo, de exame e reformulações que distinguem diversos matizes para esse vínculo semântico. Para uma exposição didática e atualizada dos diferentes modos de construção da rede referencial, veja-se M. H. M. Neves (2006: 5-150).

E, para manter a correferência sem dar lugar a dúvidas, seria necessária a ausência do pronome sujeito, e a entidade seria retomada por  $\emptyset$ :

(3') *Basta que quieras encontrar a tus empleados, que  $\emptyset$  aparecen en el mismo instante.*

Essa tendência observável no E a não retomar o sujeito com pronome é frequentemente explicada como consequência do fato de essa língua possuir um sistema flexional “rico” para o verbo. Para essa perspectiva, predominante na gramática tradicional, o fato de que em qualquer variedade viva do E haja pelo menos cinco formas pessoais para a maioria dos tempos verbais tornaria “desnecessária” a reiteração do pronome sujeito, que seria estilisticamente redundante. Embora efetivamente a flexão verbal apareça como um fator gramatical e discursivo relevante na omissão do pronome sujeito, a explicação não nos parece suficiente, e não cremos que o problema possa ser resolvido em termos estilísticos.

Na tentativa de procurar explicações para os muitos casos em que o pronome sujeito não ocorre em E, Fernández Soriano (1999: 1226-1227) faz uma observação com a qual concordamos em termos gerais:

*El hecho de que la realización del pronombre en español no sea imperativa no es inocente, sino que trae consigo una serie de consecuencias. [...] Todo parece indicar que un pronombre tónico no es 'redundante' sino totalmente imposible en algunos casos.*

Como um dos exemplos dessa “impossibilidade”, a autora dá o que se segue, muito útil para nossa contraposição com o PB:

(4) # *Juan es mi vecino de al lado. Él es estudiante de matemáticas, pero él se interesa también mucho por la filosofía porque él tiene una novia filósofa*<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> O símbolo #, também usado pela autora citada na caracterização do exemplo, denota uma formulação estranha e dificilmente produzível por um nativo da língua.

Cremos que nem seria necessário incluir a última parte do exemplo. As duas primeiras reiterações de *él* já configuram um enunciado praticamente impossível para um falante nativo, mesmo se dito com algumas pausas. Mas observemos que, se traduzido para o PB, o trecho poderia conter pronomes sujeito nos mesmos lugares, mantendo referência à mesma pessoa, sem produzir outro estranhamento além de uma percepção de redundância, especialmente se olharmos o exemplo de uma perspectiva mais normativa e mais associada a uma escrita estilisticamente monitorada. E essa percepção ainda diminuiria em uma enunciação oral com determinadas pausas<sup>4</sup> que aqui representaremos com //:

(4') *João mora do lado da minha casa. // Ele estuda matemática // mas ele também é muito interessado por filosofia // porque ele namora uma filósofa.*

O que é que determina, então, a possibilidade de ocorrência de um pronome sujeito em E? Para perspectivas como a que aqui adotamos, ela não é uma variável livre que dependa de decisões “estilísticas”. Trata-se de um processo orientado por fatores relacionados à progressão da informação, com consequências na interpretação, especificamente na identificação da referência. A presença de um pronome sujeito em E traz um efeito de *contraste*<sup>5</sup>.

Esse *valor contrastivo* implica que existe a necessidade de recortar uma dentre várias possibilidades. Por isso, não têm o mesmo alcance na sua referência nem seriam formuladas com o mesmo propósito estas duas perguntas em E:

<sup>4</sup> Parece-nos pertinente comparar (4) e (4') levando em conta possíveis pausas porque, como mostra W. Chafe (1994: 53-70), a passagem entre unidades de entoação afeta o fluxo da informação e pode motivar a necessidade de retomada de referentes. O fato de em espanhol, mesmo pausado, (4) ser inaceitável reforça a ideia de que a ocorrência de pronomes sujeito é muito mais restrita.

<sup>5</sup> À mesma conclusão chega O. Fernández Soriano (1999) no texto referido. Apenas não concordamos em caracterizar esse valor como determinado por “*factores estrictamente gramaticales*” (p. 1227), já que, como veremos, ele está atrelado a alternativas do contexto verbal e situacional na progressão da informação.

(5) *¿Qué quieres?*

(6) *¿Qué quieres tú?*

Em ambos os casos, há uma interrogação sobre o desejo do ouvinte, mas em (6) cria-se uma diferença entre esse ouvinte (*tú*) e outras pessoas. Uma formulação como essa apareceria quando, no contexto verbal ou na situação específica, houvesse outros cujo “querer” estivesse sendo considerado. Ao perguntarmos *¿Qué quieres tú?* em vez de *¿Qué quieres?*, acrescentamos individualidade (*tú en particular*), diferenciação em relação aos demais. Um efeito semelhante ao que em português causaria perguntar “E você... o que [é que] você quer?”, em lugar de simplesmente “O que você quer?”, ou formular essa mesma pergunta fazendo recair sobre o pronome um “acento primário” (Chafe, 1994) que lhe outorgue realce sonoro: “O que VOCÊ quer?”.

Analogamente, os dois enunciados seguintes estabelecem perspectivas diferentes para referir o mesmo fato:

(7) *No iré a la estancia.*

(8) *Yo no iré a la estancia.*

Em (7) o falante simplesmente anuncia que não se dirigirá a uma fazenda, enquanto em (8), além desse anúncio, também pressupõe que outros irão, sim, e se diferencia deles.

Esse mesmo valor contrastivo<sup>6</sup> parece determinar o aparecimento ou não das formas de 3ª pessoa *él/ella/ellos/ellas*, todas elas, precisamente por serem 3ªs pessoas, mais relacionadas à necessidade de contraste por terem possibilidades referenciais muito mais diversificadas do que as 1ª e 2ª pessoas do singular, dotadas de “unicidade referencial” (Neves, 2006: 125). Um percurso caso por caso pela tradução do trecho de Clarice

<sup>6</sup> Novamente O. Fernández Soriano (1999: 1233) aponta que o pronome *usted*, quando se segue imediatamente a um verbo conjugado, constitui uma exceção a esse valor. Por exemplo, em *Sabe usted lo que quiero decir* não se introduz a pressuposição de que outros não saibam.

Lispector que mostramos em 1.1 ilustrará diversas possibilidades<sup>7</sup>. Dentre os modelos para descrever a progressão informativa, adotaremos, para tanto, conceitos de Chafe (1994)<sup>8</sup>, que explicamos sucintamente a seguir e durante a análise.

Partindo de uma abordagem cognitiva da linguagem e tentando explicar o fluxo de informação na mente dos interlocutores durante a interação verbal oral ou escrita, Chafe distingue entre informação “dada”, “nova” e “acessível”. Os três termos são relativos a cada instante específico da interação: o referente, que em determinado momento foi novo, logo depois de ser introduzido na fala passa a existir como “dado”. “Acessível” é aquilo que foi dado em algum ponto da conversação ou da leitura e depois saiu de foco, mas pode ser reativado. Um pronome nunca comporta informação “nova”, mas sim dada ou acessível.

Voltando agora ao trecho de Lispector e a sua tradução, para a primeira oração, já mostramos em 1 que, na versão em E, o “ele” que retoma Ulisses é representado com o morfema vazio. Não há no contexto, um começo de capítulo, a representação de um terceiro de quem as ações de Ulisses deveriam ser diferenciadas. Mas a ocorrência de pronome (*Ulises llamó por telefono y esta vez él parecía exigir a presencia de ella*), se acontecesse, introduziria, devido a seu efeito contrastivo, a presunção de um terceiro a ser identificado. Esse terceiro seria “ativado” como se já fosse “informação acessível” nesse ponto do texto. Como a continuidade do relato fecha essa possibilidade e permanece como situação entre dois, surgiria uma tensão informativa para o leitor, que atentaria contra o efeito de coesão requerido pelo texto.

<sup>7</sup> Não pretendemos aqui uma reflexão sobre o processo tradutório, que deveria abranger aspectos mais diversos e empregar um instrumental analítico específico. Apenas contrastamos o trecho e sua versão como superfícies textuais para a observação do contraste que nos ocupa.

<sup>8</sup> Adoção que sofrerá as devidas adaptações, já que se trata de um autor que trabalha principalmente com exemplos em inglês, língua em que o pronome sujeito é de ocorrência obrigatória, e não pode, em consequência, produzir contraste com sua mera aparição. O próprio autor (1994: 81) aponta que a ocorrência de pronomes, frases nominais e formas vazias para retomar informação já dada no contexto deve ser examinada através das diferentes línguas.

Dado que tratamos do sujeito gramatical, vale a pena nos deter na sua relação com o fluxo da informação. Essa relação não deve ser vista como fixa, já que uma categoria sintática, essencialmente formal, não pode estar atrelada a valor exclusivo na esfera semântico-pragmática. Mas podemos advertir que, de modo geral, sobretudo quando há um referente humano, o sujeito sintático atua informativamente como o que Chafe denomina “ponto de partida”, o referente do qual parte a informação de cada segmento de texto e que se mantém ao longo de uma unidade informacional denominada “centro de interesse”, delimitada por uma combinação de fatores prosódicos e semânticos. Cremos que no E a presença do pronome sujeito tem a capacidade de **mudar o centro de interesse** em direção a outro referente que já tenha sido dado e esteja acessível no contexto cognitivo dos interlocutores para agir como o ponto de partida seguinte<sup>9</sup>. É isso que observamos na continuidade da nossa análise da versão de Clarice.

O segundo parágrafo começa com uma brevíssima oração com sujeito explícito, que também no E foi representado mediante pronome: *Ela foi/Ella fue*. O ponto de partida na progressão do texto vinha sendo Ulisses, sujeito dos verbos parecia/*parecía* e suportasse/*soportara*. A mudança de centro de interesse, que no caso coincide com o aparecimento de outro sujeito sintático, justifica o *Ella* em E. Se não houvesse o *Ella*, o *fue* poderia ser atribuído a Ulisses, precisamente porque **enquanto nada indique o contrário, o referente que é “ponto de partida” se mantém, no E, na progressão do texto, sem necessidade de pronome que o retome**. Pelo mesmo motivo, depois aparece *él* na oração que se segue (*él la miró*): é necessário marcar a nova mudança porque o centro de interesse vinha sendo dominado por “ela” em se aproximava/*se acercaba* e não mudou, embora “Ulisses” seja sujeito sintático de estava/*estaba* na oração subordinada.

Depois vem o diálogo. No original em português, os sujeitos dos verbos se explicitam tanto na intervenção de Ulisses (“você cortou...”, “Você devia...”) quanto na da personagem feminina (“Eu não tinha planejado...”). Em nenhum desses lugares aparece pronome na versão para o E, e temos *Ø te has cortado...*, *Ø Debiste...* e *Ø No había pensado...* Não

<sup>9</sup> No inglês, língua na qual W. Chafe desenvolve sua explicação, essa capacidade parece restrita a frases nominais, e o pronome só a comporta quando recebe acento de relevo.

ocorrem os pronomes porque, no contexto de referentes acessíveis nesse ponto do romance, não há outra pessoa que pudesse ou não ter cortado o cabelo e que fosse pertinente levar em conta para um contraste nesse momento, nem outra que possa estar diante da alternativa de se aconselhar sobre a própria aparência com Ulisses. Essas inferências surgiriam de formulações como *¡Pero tú te has cortado el pelo!/Yo no había pensado en cortármelo* e *¡Tú debiste preguntarme antes!*, se os pronomes sujeito tivessem sido empregados.

Na última oração do excerto transcrito, as três ocorrências de pronomes sujeito do original em português são reduzidas a duas na versão em E: as necessárias para contrastar os processos atribuídos a cada um dos dois parceiros. No primeiro caso (*Ø Sabía cómo...*), a ausência inicial de pronome parece adequada para manter a continuidade, já que a última intervenção no diálogo foi dela. Nesse sentido, no discurso do narrador, ela vinha sendo “ponto de partida”, e isso se mantém. Imediatamente depois, é necessário o pronome *él* (*él se sentía*) precisamente para mudar essa perspectiva e não interpretar que era ela que conhecia seus próprios sentimentos. Perceba-se, no entanto, a mudança na ordem da oração subordinada interrogativa indireta: na maior parte das variedades do E, seria improvável<sup>10</sup> o sujeito entre o pronome interrogativo e o verbo (*#cómo él se sentía*), e temos a ordem inversa *cómo se sentía él*. Finalmente, a explicitação de *ella* na oração causal (*porque ella había tenido...*) parece responder à necessidade de garantir a interpretação de que quem teve a sensação de perda enquanto seu cabelo era cortado foi ela, não ele<sup>11</sup>.

Para o PB, Tarallo (1993a: 54) aponta que o pronome de 3ª pessoa “não desempenha papel contrastivo”, sendo esse um dos fatores que favorece sua ocorrência. Embora a comparação de Tarallo seja em relação ao

<sup>10</sup> Dizemos “improvável” porque essa ordem não inversa é comum no espanhol de Cuba, Porto Rico e República Dominicana (Lipski, 1994: 76).

<sup>11</sup> Provavelmente, considerando o funcionamento do espanhol, o fato de *ella* ser o sujeito do verbo principal (*Sabía*) tornaria desnecessária essa última aparição do pronome. A própria informação da frase também contribuiria para orientar o leitor na referência a “ela”. Contudo, no contexto geral de contraste entre os dois personagens, a aparição do pronome não desorienta o leitor.

português de Portugal, a característica aparece como fundamental também no contraste com o E<sup>12</sup>.

Cabe salientar que, contra o que muitas vezes é afirmado nos meios escolares, essa ocorrência abundante dos pronomes pessoais sujeito no PB não caracteriza uma variação “inculta”, “popular”, nem “informal”, embora estudos demonstrem ser ela mais frequente na oralidade. Na produção oral de pessoas cultas, em situações com altos requisitos de formalidade, a tendência também se manifesta, como mostra o seguinte trecho:

É preciso, sim, mudar a avaliação, *ela* deve ser melhorada, mas, dentro do conjunto das práticas educativas das quais *ela* faz parte<sup>13</sup>.

Aproveitamos o exemplo para destacar uma última diferença, nesta ordem, entre o PB e o E. Na frase acima, o pronome “*ela*” retoma “a avaliação”, um referente não humano. No E, além das restrições que já apontamos para sua ocorrência, os pronomes *él/ella/ellos/ellas* aparecem quase exclusivamente com referência a seres humanos, ou eventualmente seres figurativamente humanizados, sendo muito raro, e desconcertante, seu emprego para coisas.

### 3. OS PRONOMES OBJETO

#### 3.1. Objetos diretos

Enquanto no E os pronomes átonos com função de objeto direto (*me, te, lo/la/-s, nos, os*) ocorrem em qualquer registro de língua, desde os mais formais até os mais informais ou ainda vulgares, e na fala de todos os setores sociais, qualquer que seja seu grau de escolaridade, no PB, alguns dos

<sup>12</sup> Vale apontar que N. M. González (1994, 1998, 2008) emprega o termo “assimetria”, no sentido que vimos em 1, referindo-se ao uso que F. Tarallo fizera para opor o PB e o português europeu. A reflexão de F. Tarallo será mais amplamente explicada no capítulo 3.

<sup>13</sup> Fragmento extraído de uma palestra oferecida, na PUC-SP, por Ana Maria Saul, transcrita no site da instituição: <<http://www.pucsp.br/paulofreire/V%EDdeos/Avalia%E7%E3o%20Acse.pdf>>, acesso em 03/06/14, grifo nosso.

equivalentes desses pronomes, sobretudo os de 3ª pessoa (*o, a, os, as* e seus alomorfes), ocorrem apenas em enunciados com fortes requisitos de formalidade, predominantemente escritos, e o “acerto” no seu uso parece requerer, mesmo para brasileiros escolarizados, um tipo de especulação reflexiva mais própria do emprego de estruturas de uma língua não materna.

González (2008), em um trabalho comparativo, explica que no PB a retomada de OD de 3ª pessoa se realiza predominantemente mediante categoria vazia (9) ou mediante o emprego de uma forma tônica de nominativo (10):

(9) Recebeu o documento mas não Ø guardou.

(10) Tenho pouco contato com minha vizinha, por isso não reconheci *ela* na festa.

Castilho (1992: 259) faz referência a estudos quantitativos que encontram, para realizações como a de (10), maior frequência com referentes animados para o OD, embora aconteça também com referentes inanimados:

(11) ...lava *ela* muito bem lavadinha, refoga Ø na gordura<sup>14</sup>...

Em E não se registra esse uso de pronome tônico para retomar o OD, e em geral, casos como os mostrados de (9) a (11) são preenchidos pelo pronome átono. Em formulações análogas, ouviríamos frases como *Recibió el documento pero no lo guardó, Tengo poco contacto con mi vecina, por eso no la reconocí en la fiesta* ou *Lávela muy bien lavada, rehóguela en grasa*. Uma exceção são aquelas expressões em que o OD retomado é genérico. Assim, temos:

(12) *Me encanta el vino, pero no Ø tomo porque me hace mal.*

(13) *Sirvieron un vino pasado y agrio, así que nadie Ø tomó.*

(14) *Antonio me trajo un vino de España y lo tomamos ayer.*

(15) *¿Y el vino que compré ayer? ¿Ya lo tomaron?*

<sup>14</sup> O exemplo é do texto referido de A. Castilho, grifo nosso.

É visível a diferença entre a referência genérica ao vinho como substância (12) e a uma unidade específica diferenciada (15). Os casos (13) e (14) ilustram que, em contextos verbais que poderiam receber as duas interpretações, a presença/ausência do pronome orienta para a leitura genérica ou específica<sup>15</sup>.

### 3.2. Objetos indiretos

Para ilustrar nossa explicação, começaremos examinando um fragmento em PB. Trata-se do depoimento de um piloto de automobilismo<sup>16</sup>, em que grifamos as diferentes formas de OI:

Perguntei ao repórter o que iria me perguntar, e ele me disse que seria algo em relação à estratégia de abastecimento. Então eu lhe pedi para me perguntar algo sobre a temporada, que eu iria anunciar meu último ano como piloto na categoria.

Na mesma hora, pelo rádio da equipe informei meu chefe de equipe que iria fazer o anúncio oficial, agradei a ele o fato de poder fazer isto na *pole-position*, o que vinha totalmente ao encontro da minha intenção de anunciar minha retirada ainda competitivo.

Encontramos um OI expresso com um sintagma nominal preposicionado (“ao repórter”), outro com um pronome tônico também com preposição (“a ele”) e vários com pronomes átonos (“me”, “lhe”). Cada uma dessas formas é, em cada caso, a única que aparece nessa função para o verbo correspondente: em nenhum caso, o mesmo verbo recebe duas formas de OI.

No E, embora todas essas três formas existam, podemos afirmar que a expressão própria<sup>17</sup> para o OI são os pronomes átonos: *me*, *te*, *le/-s* (e seu

<sup>15</sup> Para uma análise de especificidade e genericidade no PB e no E, veja-se o capítulo 5 deste mesmo livro.

<sup>16</sup> Excerto presente no site da companhia 3M em fevereiro de 2012. Eliminamos nomes próprios.

<sup>17</sup> Entendemos aqui “própria” num sentido qualitativo, como a forma que caracteriza essa função sintática, mas vários estudos quantitativos realizados sobre o espanhol, como os que

alomorfe *se*<sup>18</sup>), *nos*, *os*. Predominam claramente porque o aparecimento das outras formas se produz, com algumas exceções que veremos depois, acompanhando um desses clíticos:

(16) *Le pregunté a un peatón dónde quedaba la Municipalidad.*

(17) *Descarté ese vuelo porque a Miguel no le convenía el horario.*

(18) *Me dieron esa responsabilidad a mí (no a otros).*

Em cada um desses casos, as duas formas grifadas cobrem a função de OI, sendo correferenciais. As formas preposicionadas, sempre opcionais do ponto de vista sintático, respondem a necessidades da progressão informativa. Podem identificar, como informação nova, um participante ainda não introduzido no contexto verbal ou situacional (16), recuperar dentre a informação acessível alguém já introduzido (17), ou retomar o já dado para produzir um efeito contrastivo (18) análogo ao que analisamos em 2 para os pronomes sujeito. Em compensação, é a forma átona a que caracteriza a função. Nos casos apresentados, ela é indispensável em (17) e (18) e opcional, mas preferida, em (16).

O que é que determina a obrigatoriedade do pronome átono no OI? Elencando os contextos de obrigatoriedade, entenderemos por que sua opcionalidade é o menos comum. É indispensável o pronome átono:

(a) Quando o OI preposicionado é um pronome pessoal.

(19) *¿No te dijeron a ti que hoy no había clases?*

(20) *A ellos también les reservamos entrada.*

O pronome *usted/-es* é exceção a esta regra:

(21) *Entregaremos las copias a usted personalmente.*

referem O. Fernández Soriano (1999: 1250) e A. Gancedo, M. Groppi e A. Rabadán (2004) mostram que seu predomínio é também numérico.

<sup>18</sup> Na co-ocorrência com *lo/a/-s*, no lugar das formas *le/-s* aparece *se*. A composição resultante, *se lo/a/-s*, é a forma atual derivada do castelhano antigo *gelo/a/-s*.

(b) Quando o OI preposicionado está antes do verbo que complementa.

(22) *A nadie le conviene gastar más que lo que gana.*

(23) *A los invitados nunca les negamos nada.*

(c) Para uma ampla variedade de classes de verbos e/ou de papéis semânticos para o OI. Baseando-nos primeiramente na síntese de Groppi (2008), entram nessa restrição todos os verbos de “dois argumentos”, isto é, os que não podem ter OD: verbos referidos a estados psicológicos e sensações como *encantar, gustar, doler* etc. (24 e 25) e verbos *pseudo-impersonales*, como *ocurrir, faltar* etc. (26 e 27).

(24) *El salón menor les gusta a los que quieren privacidad.*

(25) *La propuesta les pareció interesante a tres directores.*

(26) *¿Qué le pasa a tu hermana?*

(27) *Nos sobró comida a todos.*

E há ainda um outro contexto. Fernández Soriano (1999: 1250) prefere relacionar a obrigatoriedade do átomo com determinados papéis semânticos para o OI, quase todos contemplados ao considerar os tipos de verbo já mencionados em (c). Mas seguindo a descrição da autora, podemos acrescentar casos de obrigatoriedade em que há OD, mas o referente do OI tem o papel de beneficiário<sup>19</sup>. O exemplo que ela dá é *Le hice los deberes a la niña*.

Como podemos apreciar, os contextos em que o pronome átomo é obrigatório predominam no E. Vistas as restrições apresentadas, as únicas possibilidades de opcionalidade se dão quando o OI preposicionado é um sintagma não pronominal e posposto a um verbo de três argumentos. Teríamos, assim, possibilidades como:

<sup>19</sup> Esse papel temático não deve ser confundido com o de “destinatário”, também mencionado pela autora, e que apresenta opcionalidade para o pronome átomo. O destinatário é o ponto de destino do movimento representado mediante o que Groppi (2008) denomina “verbos de transferência material ou comunicativa”, como *dar* ou *entregar* e os verbos *diciendo: preguntar, decir, informar* etc. No PB, como veremos no capítulo 8, esses verbos também costumam aparecer com um objeto introduzido pela preposição “para”.

(28) *Devolvamos(le) las llaves a la dueña de la pensión mañana mismo.*

(29) *(Le) prometimos a Jorge que lo pasaríamos a buscar.*

E mesmo em casos como esses, os estudos já referidos apontam como mais frequente a ocorrência do átomo que deixamos entre parênteses.

Para encerrar este ponto, cabe salientar que é muito perceptível, no PB, o uso da preposição “para” nos OI preposicionados: “Entreguei a ficha para o/ao atendente”, “explicamos o problema para/a você”. No E, o OI preposicionado se constrói apenas com a preposição “a”, como mostram todos os casos apresentados neste item.

### 3.3. Objetos “duplicados”

As situações que acabamos de ver, em que dois constituintes da oração atuam como o mesmo OI, entram no fenômeno que na literatura gramatical do E é conhecido como *duplicación, reduplicación, doblado* ou ainda *redundancia pronominal*. Rejeitamos esse último termo, dado que concordamos com Groppi (2006: 407), entendendo “*que el clítico es el elemento que satisface el espacio argumental abierto por el verbo y que el sintagma correferente es el elemento que duplica este argumento*”. Em consequência, o sintagma “duplicador” é o objeto desenvolvido, e ele não é “redundante”, já que cumpre, no fluxo informativo, alguma das funções que explicamos com os exemplos (16) a (18) ou outras que ainda devam ser pesquisadas.

Também pode haver duplicação dos OD no E. Em princípio, analogamente ao descrito no ponto anterior para o OI, o clítico átomo tem que ocorrer se o OD se desloca à esquerda do verbo (topicalização), como em (30) e (31) e/ou se ele é um pronome pessoal preposicionado (32):

(30) *La secadora no puede pagarla.*

(31) *A ese jefe pocos lo aceptan.*

(32) *Te escucharon primero a ti.*

Mas fora desses casos, em condições em que o OD é um sintagma nominal posposto ao verbo, o clítico átono *lo/-a/-s* pode, também, ocorrer:

(33) *La lavo con este jabón la ropa.*

(34) *Los inscribimos a los chicos en un curso de inglés.*

Ocorrências desse tipo para o pronome átono não são obrigatórias. Reiteradas vezes foram caracterizadas como próprias “da região rio-pratense”. Porém, os estudos de Groppi (2006, 2007) sobre um *corpus* oral de falantes escolarizados da Espanha demonstraram que o fenômeno não se limita a esses âmbitos e que sua distribuição nas variedades do E no mundo ainda deve ser mais pesquisada, bem como, cremos nós, suas determinações enunciativas e os efeitos de sentido aos quais ele pode se vincular.

#### 4. OUTRAS CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS EM ASSIMETRIA

O funcionamento diferente que estamos observando nestas páginas para o PB e o E sugere, já desde suas primeiras formulações na tese de González (1994), relações com outras construções que envolvem pronomes átonos em papéis temáticos diferentes dos que se relacionam com os objetos direto e indireto. Para observar algumas delas, voltaremos ao fragmento de Lispector e a sua tradução:

– Mas você <b>cortou os cabelos!</b> Você devia ter me perguntado antes!	– ¡Pero <b>te has cortado el pelo!</b> ¡Debiste preguntarme antes!
– Eu não tinha planejado <b>cortar</b> , resolvi na hora.	– <i>No había pensado <b>cortármelo</b>, lo decidí en el momento.</i>

Os grifos deixam ver construções bem diferentes para a expressão da noção semântica que, com Di Tullio (2002), denominaremos *posesión inalienable* (posse inalienável). Os substantivos que portam essa noção são os que designam partes que se definem necessariamente em função do todo que compõem. Principalmente, partes do corpo, mas, por extensão, também vestes e outros objetos que podem, em espaços socioculturais de determinadas épocas, ser representados como participando da “esfera

pessoal”. Como explica Di Tullio, e é amplamente observado por outros autores, a língua espanhola privilegia a expressão do possuidor com o pronome átono de OI, que aqui não está nessa função, senão na de “dativo possessivo”. No caso mostrado, o pronome *te* (*te cortaste el pelo*) e depois *me* (*cortármelo*), formas átonas, introduzem a pessoa possuidora. No original em português, ela era apontada por uma forma tônica de nominativo (“**você** cortou os cabelos”), que pode, em outros enunciados, estar reforçada por um possessivo, como nesta letra de Alceu Valença:

O que é que houve, meu amor? Você cortou os seus cabelos (Tesoura do desejo).

A contraposição dessas construções mostra mais uma seleção de formas **tônicas em função de sujeito** no PB em contraposição à preferência do E por um **clítico átono**, no caso para introduzir o possuidor no enunciado.

Mencionaremos, para terminar, outras quatro diferenças entre o PB e o E que González (2008) aponta<sup>20</sup> no domínio dos pronomes átonos, algumas relacionadas com o clítico “se”, pouco tratado neste capítulo:

(a) Formas reflexivas podem aparecer sem clítico no PB, enquanto no E levam clítico sempre.

(35) Eu (me) vejo a mim mesmo nele.

(35') *Me veo (a mí mismo) en él.*

(b) Diferenças para as expressões denominadas “inacusativas” (Mendikoetchea, 1999). Trata-se de construções com verbos que, em uso transitivo direto, têm um OD, mas que ao funcionarem com o clítico reflexivo resultam “destransitivizadas”. Em geral, expressam uma mudança de estado ou de posição, e o referente de seu sujeito sintático é o que sofre a mudança. No PB, essas construções podem funcionar sem reflexivo, que no E se faz imprescindível.

<sup>20</sup> A terminologia empregada aqui para essas estruturas não coincide totalmente com a desse trabalho, que pressupõe conhecimento de categorias que neste texto não foram explicadas.

- (36) A gelatina amoleceu.  
 (36') *La gelatina se ablandó.*  
 (37) Quero (me) levantar cedo.  
 (37') *Quiero levantarme temprano.*

(c) Em E, construções do tipo (b) podem incluir um participante humano não ativo, afetado pelo processo, que aparece em dativo (*me, te, le/-s, nos, os*) junto do “se”, com uma semântica próxima da do dativo possessivo. No PB, esse participante pode aparecer apenas como possessivo ou sintagma preposicionado com “de”.

- (38) *Se nos enfrió el café.*  
 (38') **Nosso café/O café da gente** esfriou.

(d) No PB, formas impessoais podem não levar o clítico “se” e manter essa interpretação. No E, é necessário o *se* ou uma 3ª pessoa plural para a interpretação impessoal. Comparem-se estes diálogos:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(39) – Aqui (se) faz mudança de endereço?<br/>         – Faz.</p> | <p>(39') <i>¿Aquí se hace/hacen cambio de domicilio?</i><br/>         – <i>Sí. /Sí, lo hacemos. /Sí, se hace.</i></p> |
|--|---|

## 5. TÓPICOS MOBILIZADOS... É SÓ O COMEÇO

Encerraremos este capítulo observando um último fenômeno no trecho de Clarice e sua tradução, que nos permitirá dar continuidade ao caminho que propomos neste livro:

Ela sabia como ele se sentia porque ela tivera uma angustiada sensação de perda à medida que os cabelos eram cortados e as mechas mortas caíam no chão.

*Sabía cómo se sentía él porque ella había tenido una angustiada sensación de pérdida a medida que le cortaban el pelo y los mechones muertos caían en el suelo.*

Além de reaparecer, em E, a expressão do possuidor com dativo (*le*), vemos aqui outro fenômeno para destacar. Nesse momento do texto, o centro de interesse é dominado pelo ponto de vista da personagem feminina, que no capítulo vai alternando com o dele, como vimos em 2. Não parece ser relevante, em consequência, quem operava, na situação rememorada, o corte dos cabelos, quem era o agente dessa ação. E vemos aqui, em cada língua, dois modos diferentes de não focalizar o agente. No PB, a estrutura de passiva sintática (“eram cortados”) e no E o emprego de uma 3ª pessoa do plural generalizadora (*cortaban*). O tema, que será amplamente tratado no capítulo 6, nos remete também às assimetrias observadas, porque várias das formas que a língua espanhola mostra como alternativas mais frequentes do que a passiva sintática contêm formas pronominais átonas e ainda pronomes objeto, como o OD topicalizado que mostramos antes no caso (31), e que poderia parafrasear-se, no PB, com uma construção passiva:

- (31) *A ese jefe pocos lo aceptan.*  
 (31') Esse chefe é aceito por poucos.

A produtividade das assimetrias inversas reveladas pelo estudo de González (1994) se mostra também nessa possibilidade de estabelecer relações com outros aspectos do funcionamento linguístico: a sintaxe das formas verbais, como no caso que acabamos de mostrar, e, como também surge deste caso, papéis temáticos e focalização informativa. Não deve surpreender, então, que a problemática das formas pessoais volte aqui em praticamente todos os capítulos que se seguirão a este. A visão sobre a pesquisa científica que tentamos mostrar na apresentação deste livro nos faz acreditar que os próprios objetos de pesquisa surgem do gesto de observação que os delimita. Portanto, é previsível que, sendo a ocorrência de pronomes o primeiro assunto em torno do qual nossas línguas foram confrontadas no seu funcionamento, outros fenômenos tenham sido abordados guardando relação com o que essa pesquisa mostrou.

E de um ponto de vista estritamente pessoal, seguramente marcado pelo percurso que, individualmente, tenho feito como pesquisador

abordando a categoria de pessoa, em outro plano, o da discursividade, creio que outros fatores também explicam a projeção que ganha o estudo comparado da ocorrência destas formas, que fazem surgir tantos sentidos imprevisíveis no ensino das nossas línguas e no contato entre seus falantes. No fim das contas, esses pronomes envolvem diretamente a representação da pessoa na linguagem, envolvida em todos os níveis de seu funcionamento e de seu existir como vínculo entre os seres humanos. Assim, eles são manifestações de uma categoria morfológica, mas também marcas da construção de entidades no texto, de perspectivas na enunciação, de subjetividades enfrentadas no discurso. E entre línguas próximas, podem ainda aflorar, errantes, atualizando a incompletude da delimitação e o vaivém da proximidade.

## Colocação dos pronomes clíticos

Carlos Donato Petrolini Junior

**N**o capítulo anterior, foram apresentadas as diferentes assimetrias que caracterizam a ocorrência de pronomes tônicos e átonos no português brasileiro (PB) e em espanhol (E). Neste capítulo, focalizaremos, em ambas as línguas, as posições ocupadas pelos clíticos que atuam como complementos de formas e sequências verbais.

### 1. A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NO ESPANHOL

Tanto em E como no PB, os pronomes da série átona correspondem a clíticos fonológicos, ou seja, a itens lexicais sem acento primário que, devido a essa característica, se apoiam obrigatoriamente em outra palavra, neste caso, na forma ou sequência verbal que constitui o núcleo do predicado do qual eles são argumentos. Na língua espanhola contemporânea, apenas outro clítico pronominal pode se interpor entre um pronome átono e o verbo:

- (1) a. *No me mandes el libro todavía.*  
\**Me no mandes el libro todavía.*  
b. *No me lo mandes todavía.*